


| | |
|------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|
| INSTITUTO | |
|  | |
| Documentação | |
| SOCIOAMBIENTAL | |
| Fonte | DOU - SEÇÃO I (34) |
| Data | 17/02/2000 Pg 13-6 |
| Class. | CDD00001 |

DESPACHO Nº 4, DE 11 DE FEVEREIRO DE 2000

Assunto: Processo FUNAI/BSB/0340/91. Referência: Terra Indígena SÃO SEBASTIÃO. Interessado: Grupos Indígenas Kaixána e Kokáma. EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena em que se refere, com fulcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

O PRESIDENTE SUBSTITUTO DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/0340/91, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria da antropóloga KÊNIA GONÇALVES ITACARAMBY que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena SÃO SEBASTIÃO, de ocupação dos respectivos grupos tribais Kaixána e Kokáma, com superfície e perímetro aprovados de 57.700 hectares e 169 km² respectivamente, localizada no município de Tonantins, Estado do Amazonas.

2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado do Amazonas, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.

3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada na sede da Prefeitura Municipal da situação do imóvel.

ROQUE DE BARROS LARAIA

RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO
DA TERRA INDÍGENA SÃO SEBASTIÃO

Referência: Processo/FUNAI/5ª SUER/0340/91. Terra Indígena: São Sebastião. Localização: Município de Tonantins, Estado do Amazonas. Superfície: 57.700 ha. Perímetro: 169 km. Grupos Indígenas: Kaixána e Kokáma. População: 224 habitantes (1998). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico constituído pela Portaria nº 743/PRES de 11 de agosto de 1997, coordenado pela antropóloga Kênia Gonçalves Itacaramby.

1 - DADOS GERAIS

Com uma população de 224 índios, a Terra Indígena São Sebastião, localizada no alto curso do rio Solimões, no município de Tonantins/AM, é ocupada pelos grupos étnicos Kaixána e Kokáma. Conforme consta no *Mapa histórico de Curt Nimuendaju*, a língua nativa dos Kaixána pertencia à família *Aruák*; no entanto, devido à imposição missionária, esses mesmos índios passaram a utilizar também a *língua geral*, entendida aqui como uma variação regional do *Tupi-guarani*. A completa extinção da língua nativa dos Kaixána se deu ao longo do século XIX, sendo falada, no início do século XX, somente a *língua geral*. Mais recentemente, passaram a utilizar o português, acabando por abandonar aquela.

Já a língua nativa do grupo étnico Kokáma é de origem *Tupi-guarani*. Segundo a etnolinguísta Suely Cabral, embora sejam poucos, ainda há falantes nativos da língua Kokáma em território peruano. No Brasil, ainda de acordo com as afirmações dessa autora, há uma variação significativa quanto ao grau de conhecimento dos Kokáma sobre sua língua nativa; alguns se lembram apenas de alguns vocábulos, mas outros poucos índios ainda podem se comunicar em Kokáma.

Atualmente, além de São Sebastião, 97 índios de etnia Kaixána ocupam uma outra Terra Indígena, denominada Mapari, situada às margens do rio de mesmo nome, afluente do rio Japurá. Foi constatada por Barbosa (1983, *Índios e civilizados: etnia e alianças em Tefé*), a presença de alguns índios Kaixána também no município de Maraã/AM, convivendo com índios Kambéba na Terra Indígena Jaquiri, em 1982. Segundo os próprios Kaixána de São Sebastião, alguns de seus parentes estão morando, atualmente, nas cidades de Tonantins e Manaus.

Quanto aos Kokáma, segundo Suely Cabral, na atualidade, vivem em território peruano cerca de 19.000 índios pertencentes a este grupo étnico. No Brasil, os próprios Kokáma tiveram a iniciativa de realizar o levantamento populacional, cuja soma atingiu um total aproximado de 2.000 índios, espalhados pelo alto e médio Solimões.

No entanto, ressalta-se que, no município de Tonantins, devido às práticas discriminatórias em relação aos grupos indígenas, tanto por parte de segmentos da sociedade regional como de autoridades locais, e das constantes ameaças e outros tipos de violência praticados por estes últimos, para que o indígena não se assumia como tal, tudo nos permite inferir que o contingente populacional referente aos grupos Kaixána e Kokáma que ocupam este município é bastante expressivo.

As primeiras notícias da ocupação de índios Kaixána no local datam de 1691, ano no qual Samuel Fritz elaborou o mapa da bacia amazônica com plotagem aproximada de vários agrupamentos indígenas. Muito embora, no mapa acima referido, o local de ocupação de índios Kaixána tenha sido plotado apenas às margens do rio Tonantins, onde ainda moram seus descendentes, são várias as evidências que apontam para a antiguidade da ocupação na extensão de terra firme que vai do rio Tonantins ao igarapé Coperçu - que, na carta SA - 19-ZA do Projeto RADAMBRASIL, corresponde ao Paraná do Bararuá.

Em primeiro lugar, o missionário Samuel Fritz trabalhou basicamente com os índios Omágua que ocupavam as áreas inundáveis da região do Alto Solimões. Porro (1995) acredita que o conflito que, em outras épocas, opunha os povos de terra firme aos de várzea, pode ter sido um dos fatores determinantes na preferência

dos missionários que desenvolveram seus trabalhos no Alto Solimões em atuar em locais considerados mais neutros e seguros, no caso, as ilhas. Nesse caso, o fato de Fritz não evidenciar outros aldeamentos dos Kaixána em seu mapa não significa que eles não existiam, uma vez que, se algumas das aldeias Kaixána estivessem distribuídas pelo interior da região de terra firme, como atualmente acontece, sua presença não teria sido percebida.

Ressalta-se que, conforme evidenciado em seu Diário, Fritz sabia que os Kaixána viviam em áreas de terra firme que, nas cartas do projeto RADAMBRASIL, correspondem, exatamente, ao trecho que se estende do rio Tonantins ao igarapé Coperçu. Neste local, atualmente moram índios Kaixána ou seus descendentes. Cerca de 85% dos limites da gleba I da Terra Indígena São Sebastião ficam no interior deste trecho. Igualmente, no interior deste trecho, ao longo da orla do Rio Solimões, mais precisamente desde a comunidade da Terra Indígena São Sebastião denominada Santa Fé até o local onde, atualmente, encontra-se a comunidade de não-índios, denominada São José do Amparo, vizinha à referida terra indígena, o Grupo Técnico encontrou vestígios arqueológicos como, por exemplo, artefatos de cerâmica, muitos dos quais permitiam perceber que se tratavam de peças de potes ou vasos. Embora não fosse possível conhecer o posicionamento cronológico desses vestígios, a suposição da existência de um grande e antigo cemitério indígena nesta área veio a se confirmar com a leitura do relato de 1819, de Spix e Martius (1981, Viagem pelo Brasil: 216), sobre o costume Kaixána de sepultarem "seus mortos em grandes potes de barro".

Acrescenta-se que, de acordo com a memória do grupo, que alcança duas gerações ascendentes, pela qual se pode calcular um período de no mínimo 90 anos, os mais antigos habitantes da Terra Indígena São Sebastião revelaram os eixos de trânsito de seus antepassados, que interligavam grandes aldeamentos Kaixána nos seguintes locais: margens do rio Mapari, margens do rio Tonantins e um longo trecho às margens do rio Solimões, sendo que parte dele encontrava-se inserido nos limites atuais propostos pelo GT para a Terra Indígena São Sebastião e, igualmente, no interior desses mesmos limites, a beira do lago Castanha e dos igarapés Kumã e Mocó.

Vale lembrar que os movimentos migratórios faziam parte da dinâmica dos grupos indígenas mesmo antes da chegada dos europeus. No entanto, pode-se afirmar que o início da exploração estrangeira em solo amazônico marcou o princípio de um período de intensa movimentação espacial da população nativa. Posteriormente, a exploração seringueira, igualmente, teve o seu papel nos deslocamentos da população nativa da região amazônica.

Conforme o discurso do Kaixána e de regionais, no caso específico da Terra Indígena São Sebastião, possivelmente no início do século passado, em seus reservatórios naturais no maior concentração de seringueiras, foi instalada uma empresa seringalista. Com a inserção de um novo ator social - o "patrão", foi introduzido outro padrão nas relações de produção, fundamentado em um regime de servidão impulsionado pelo sistema que se tornou típico do seringalismo: o aviação, pelo qual o trabalhador via-se obrigado a oferecer o produto de seu trabalho a custos baixos, adquirindo bens de consumo a preços majorados no estabelecimento comercial de seu patrão.

No caso dos Kaixána, houve momentos nos quais esta situação de subordinação chegou a níveis insuportáveis, culminando em um série de conflitos e mortes. O desfecho deste período histórico vivido pelos índios Kaixána culminou na fuga de uma massa significativa de seu contingente populacional para áreas que, à primeira vista, pareciam não interessar aos seringalistas: a várzea e o interior da mata. No entanto, para os índios Kaixána, esta fuga representou, ao mesmo tempo e contraditoriamente, uma possibilidade de sobrevivência física e uma ameaça ao seu bem-estar e à reprodução de seu modo de vida enquanto um grupo étnico diferenciado, tendo em vista que tiveram de abandonar seu território tradicional, com tudo o que isto significa em termos econômicos, históricos e culturais.

Os índios Kaixána que fugiram da terra firme encontraram com os Kokáma, sobretudo nas comunidades de Jacapari e Bararuá, que estão inseridas em áreas de várzea.

Além de dados ilustrativos contidos na literatura quinhentista e seiscentista, vários pesquisadores da atualidade já chamaram a atenção sobre a proximidade cultural dos Kokáma e seus vizinhos Omágua. Além da proximidade linguística e de vários aspectos da cultura material, ambos os povos elegiam preferencialmente as áreas alagadiças como seus territórios tradicionais. A relação cultural dos índios Omágua com o ecossistema de várzea era tão estreito que, segundo a afirmação do próprio missionário Fritz (*Apud* Porro, 1992: *O povo das águas: ensaio de etno-história amazônica*: 156), eles se recusavam "a viver e fazer suas sementeiras na mata e em terra alta afastada do rio, dizendo que a moradia dos seus antepassados tem sido sempre o Rio Grande, e que a mata é lugar próprio de Auca e Tapuya".

Em relação aos Kokáma também não foram poucas as observações sobre a ocupação deste povo em áreas inundáveis. Surpreso ao chegar em uma comunidade dos Kokáma situadas às margens do rio Ucayali, em 1559, um dos membros da expedição de Ursua e Aguirre, o capitão Altamarino (*Apud* Porro, 1992: 97) afirma ser a terra desses índios "inabitável por ser muito quente e alagadiça". De fato, segundo Stocks (1978: 80), a primeira vez em que se falou em índios Kokáma, eles moravam em aldeias localizadas em áreas inundáveis.

A formação da população Kokáma da Terra Indígena São Sebastião é, de forma predominante, proveniente de comunidades inseridas em áreas de várzea: Paraná do Bararuá e o local conhecido como Jacapari, que inclui as comunidades Nova União, Bom Futuro, São Domingos I e São Domingos II. As comunidades situadas em Jacapari ainda são ocupadas por índios Kokáma. A ocupação de índios Kokáma na gleba I, cuja maior porção de terra está inserida em uma área de terra firme se deu, sobretudo, pelo casamento com os Kaixána quando a era seringalista entrou em colapso, permitindo o retorno dos Kaixána a esta gleba.

Quanto à gleba da Terra Indígena São Sebastião que se insere na várzea, atualmente, não há moradias. No entanto, conforme os relatos dos índios, tudo nos permite inferir que essa gleba era ocupada com moradias por índios Kokáma. Calcula-se que isto tenha ocorrido há aproximadamente 40 anos. Além disso, tivemos notícia sobre um índio Kaixána que também morou nessa gleba. De qualquer forma, essa área tem sido utilizada economicamente por ambos os grupos há pelo menos 50 anos.

Muito provavelmente, a inexistência de moradias indígenas neste local, atualmente, deve-se ao fato desta área estar constantemente sob vigilância do ex-proprietário de três terrenos que ficam nessa gleba, Artheytt Ayres de Almeida, que, atualmente, mora em um barco que fica ancorado na margem esquerda do Solimões, mais ou menos em frente da gleba II de São Sebastião. Os tais terrenos pertencem, atualmente, aos irmãos Sergimar e Sergimara Martins de Araújo. Artheytt, segundo suas próprias informações, é filho de Roberto Ayres Mafra de Almeida, seringalista, já falecido, que trabalhou na região na época da II Guerra Mundial. Apesar de sofrerem constantes ameaças, os índios de São Sebastião continuam utilizando a terra economicamente. Cabe acrescentar que limítrofe à gleba II, sobre a qual estamos nos referindo, situa-se a comunidade Kokáma denominada São Domingos II.

2 - HABITAÇÃO PERMANENTE

Aproximadamente 60% da população de São Sebastião pertence ao grupo Kaixána. Existem duas mulheres Tikúna, sendo que uma é casada com um índio Kokáma, e outra com um Kaixána, e há dois não-indígenas casados com índias de etnia Kaixána. O restante da população é formado pela etnia Kokáma.

A população da terra indígena em questão está distribuída em cinco comunidades situadas na gleba I. Próximas da margem, localizam-se as seguintes comunidades: Nova Jerusalém, Santa Fé e São Sebastião, respectivamente com 46, 53 e 100 habitantes. Na confluência dos igarapés Kumã e Coperçu, situa-se a comunidade denominada Novo Kumã, onde vivem vinte índios pertencentes a um família extensa e, finalmente, a comunidade de Lago Baixo.

De qualquer modo, todas essas comunidades estão ligadas por laços de parentesco, e cada uma delas possui uma liderança política que a representa, com exceção da comunidade do lago Baixo, que, talvez, por ser recente a sua formação, ainda não elegeu seu representante. Com o título de *capitão*, cada uma dessas lideranças possui um substituto: o *vice-capitão*.

Muito provavelmente, o fato de ter havido, nos últimos 50 anos, um sensível decréscimo em relação aos movimentos migratórios internos dos índios Kaixána, na Terra Indígena São Sebastião, pode ser atribuído ao encontro com os parceiros Kokáma, através do qual foi possível aperfeiçoar o conhecimento sobre o aproveitamento econômico do ambiente de várzea. Anterior a este fato, parece terem sido freqüentes os deslocamentos em decorrência do esgotamento do solo, um dos fatores prováveis, por exemplo, do abandono de uma outra comunidade que existia na margem direita do igarapé Coperçu, que, atualmente, é bastante utilizada como área de caça e coleta, além da pesca, atividade assiduamente praticada neste igarapé.

Mais recentemente, o que se nota é que os deslocamentos populacionais internos são ocasionados por outros fatores. Em 1986, por exemplo, iniciou-se um processo de esfacelamento de uma comunidade, situada no interior, longe das margens do rio Solimões, denominada Tururi, em decorrência de outros fatores, tais como: a)

conflitos com índios Tikúna que ocupam a Terra Indígena Uati-Paraná, limítrofe à São Sebastião. Apesar de estar fora dos limites da Terra Indígena Uati-Paraná, a comunidade Tururi ficava em um local próximo ao igarapé Mocó, que se constitui no limite que separa as duas terras. O conflito com os Tikúna colaborou para a saída de várias famílias deste local e; b) o assoreamento do rio Bararú na sua confluência com o igarapé Coperçu, limitando o transporte fluvial a pequenas embarcações durante o período de vazante, impossibilitando desta forma a chegada dos comerciantes flutuantes.

Em todas as comunidades da Terra Indígena São Sebastião, a formação de uma nova unidade residencial acontece, de um modo geral, após 2 a 5 anos do convívio marital. Geralmente, é nesse espaço de tempo que o jovem casal está apto a conduzir sua economia doméstica de forma um pouco mais independente daquela de seus pais. Notamos que a escolha da área agrícola a ser cultivada pela família recém-constituída, pela primeira vez separada da de seus pais, é um marco na decisão para que ocorra a disjunção do grupo doméstico original para a inauguração de uma nova unidade habitacional.

A escolha do local de construção desta nova unidade residencial é regida, sobretudo, pelas relações de parentesco. Ao mesmo tempo, é também esperado ficar perto do local de uso comunitário: a casa de farinha.

Na Terra Indígena São Sebastião, tem havido uma flutuação de parcela da população mais jovem, que busca trabalho em cidades como Tonantins e Manaus. Geralmente, as mulheres procuram um trabalho doméstico ou serviços de limpeza, e os homens acabam desempenhando as funções de carpinteiro, pedreiro e marceneiro. No entanto, esta população acaba retornando, na maioria dos casos.

3 - ATIVIDADES PRODUTIVAS

A dinâmica da organização econômica desenvolvida pelos grupos indígenas está intimamente associada ao complexo ecossistêmico como um todo; que na Terra Indígena São Sebastião forma dois blocos marcadamente distintos: a várzea e a terra firme. O conhecimento sobre a diferenciação entre estes dois ambientes tem permitido aos índios de São Sebastião a construção de um modelo econômico estratégico e eficiente.

O calendário referente às atividades produtivas, que são desenvolvidas por esse povo, constitui-se em um dos exemplos ilustrativos da articulação entre saber ecológico e exploração econômica. Por conhecerem que a época apropriada para o plantio de boa parte das culturas na terra firme é aquela imediatamente anterior às primeiras chuvas, os índios de São Sebastião iniciam a limpeza do terreno tão logo percebem que a mudança de estação está chegando.

Segundo a engenheira florestal, componente do GT, Luciana Machado, os grupos indígenas Kaixána e Kokáma, como outros da Amazônia, utilizam o sistema de *coivara*, também conhecida como *roça de toco*. A limpeza do terreno através da derrubada e posterior queima das árvores, por se tratar de uma etapa na qual se exige muito esforço físico, é realizada através de uma modalidade de cooperação mútua denominada *ajuri*. Nas áreas inundáveis (glebas I e II), os índios começam o plantio das culturas de ciclo vegetativo curto no período da seca, quando o nível das águas já se encontra baixo. No pico do verão, para a realização do plantio na área de terra firme, os índios fazem uma cova mais profunda de modo a alcançar a parte úmida da terra.

Geralmente de formato retangular, o local de cultivo abrange, aproximadamente, uma área equivalente a dois hectares ou até mais. Cada grupo doméstico possui, de um modo geral, mais de uma *roça* ao mesmo tempo, de modo que enquanto uma está no período de maturação, a outra já está pronta para ser colhida.

Nas áreas alagadiças, planta-se melancia, feijão, arroz e milho.

Na gleba II, as atividades agrícolas ocupam as proximidades da margem do rio Solimões e as restingas, enquanto que na gleba I, situadas próximas das comunidades, as roças se distanciam da margem deste rio em aproximadamente 500 metros, como também estão localizadas próximas do igarapé Kumã e do lago Baixo. Nestes locais, planta-se uma grande variedade de culturas: mandioca, macaxeira, cana, açaí e abiu, dentre outras.

Embora praticadas o ano inteiro, no período da seca (verão), os Kaixána e os Kokáma da Terra Indígena São Sebastião intensificam suas atividades de pesca na várzea porque sabem que os peixes estarão retidos nos lagos ai formados, facilitando-se a captura dos mesmos. A pesca é preferencialmente praticada nos seguintes locais: no rio Solimões, igarapés Kumã e Coperçu e, na várzea, sobretudo, nos lagos Marimari, Araçazal e Mucura.

No período das enchentes (inverno), as áreas do interior da terra firme tomam-se mais acessíveis em consequência da navegabilidade dos igarapés em toda sua extensão. É, portanto, esta a época quando os animais de maior porte podem ser transportados pelas canoas e, por conseguinte, é esse o período preferido pelos índios para irem em busca da captura destes animais. Esta busca não é aleatória; se faz com base no conhecimento acumulado por várias gerações sobre os hábitos da fauna local.

Estritamente praticada por homens, esta atividade tem uma importância fundamental no que concerne à provisão alimentar nas comunidades da Terra Indígena São Sebastião, assim como, eventualmente, constitui-se em um artigo de troca comercial.

Em contato com a sociedade envolvente, os Kaixána abandonaram seus instrumentos tradicionais de caça e, juntamente com os Kokáma, passaram a utilizar armas de fogo na captura de animais. Em conformidade com a afirmação de Luciana Machado, as operações de caçada são, preferencialmente, realizadas nas matas de terra firme, como também em áreas de várzea e nas margens dos igarapés.

Antas, pacas, queixadas, veados, macacos guariba e barrigudo, e certas espécies de aves como o mutum, o socó e o pato do mato, são alguns dos alvos prediletos dos índios de São Sebastião.

A atividade de coleta de frutos silvestres é igualmente intensa no inverno devido ao fato de várias espécies estarem em fase de frutificação. Sem discriminação de sexo e idade, a extração de produtos vegetais é realizada para satisfazer necessidades diversas. Várias espécies, por exemplo, são utilizadas na alimentação, tais como a castanha, o açaí, a bacaba, a abiuana e várias outras. Nas construções das habitações de estilo tradicional, utilizam-se, mais comumente, as seguintes espécies: matamatá, abacatirana, anuirá, guariúba e paxiúba; e, para a cobertura, as folhas das palmeiras caraná e ubim.

Na Terra Indígena São Sebastião, a prática de se fabricar artefatos de argila foi totalmente abandonada. No entanto, aqueles artefatos que utilizam apenas recursos vegetais na sua confecção, continuaram a ser produzidos, como, por exemplo, os trabalhos em palha - os cestós, a própria cobertura das casas feita com palhas trançadas, as peneiras, as esteiras, os abanos usados para avivar o fogo e os chapéus; e os produtos confeccionados em madeira, tais como as canoas e os remos, bem como as máquinas de moer cana, as prensas utilizadas para escorrer a massa de mandioca e alguns móveis.

4 - MEIO AMBIENTE

Conforme já mencionado, a proposta, formulada pelo Grupo Técnico responsável, de limites da Terra Indígena São Sebastião, consiste em uma área de, aproximadamente, 57.700 ha distribuídos em três glebas. Localizada na margem esquerda do rio Solimões, a gleba I está inserida em cerca de 85% de sua superfície total, que abrange 46.300 ha, em uma área situada em uma região de terra firme que, de acordo com a classificação do IBGE, é formada por Florestas Tropicais Densas. À margem direita do mesmo rio, em um ecossistema de várzea, a gleba II atinge uma superfície de 11.000 ha, e é composta, segundo a mesma classificação, por áreas de Floresta Tropical Densa Aluvial e, ainda, Áreas de Tensão Ecológica entre Florestas de Formação Pioneira e Tropical Aberta. Já a gleba III é uma ilha do Solimões, com 400 ha, de formação recente, cuja vegetação é composta, basicamente, por gramíneas. Na época das enchentes, esta ilha fica submersa. A gleba da terra firme é formada por duas micro-bacias hidrográficas; dos igarapés Kumã e Coperçu, e uma outra que se constitui, ao norte, em um limite natural. Na margem direita do rio Solimões, a gleba localizada na várzea é repleta de lagos, dos quais os mais importantes são: Aleixo, Mari-mari, Araçazal e Mucura.

É importante enfatizar que, quando se fala sobre terra firme e várzea, não significa dizer que cada qual constitua um ecossistema homogêneo; pelo contrário, há, por exemplo, uma variação significativa em termos de fertilidade do solo tanto em um caso como em outro. No entanto, de um modo geral, pode-se afirmar que, pelo fato de se tratar de regiões baixas e, conseqüentemente, devido às enchentes anuais - período quando há uma reposição de elementos fertilizantes em seu solo e lagos - as áreas de várzea tendem a ser bem mais ricas tanto em termos da composição química do solo, quanto em relação à piscosidade de seus lagos e à quantidade de indivíduos da sua fauna terrestre. Em contraste, a terra firme, sendo mais elevada e, portanto, não estando sujeita à renovação de seu manto pelas enchentes, possui solos de baixa fertilidade e rápido esgotamento. Em consequência destas características, a quantidade em relação aos seus recursos faunísticos, tanto aquáticos como terrestre, é bem menor.

Em relação aos impactos ambientais, em decorrência de atividades antrópicas, pode-se afirmar que nas redondezas da Terra Indígena São Sebastião e, ocasionalmente, em seu interior, ocorrem dois tipos de exploração

econômica praticada em maior escala por não-indígenas, com finalidade estritamente comercial, a saber: a atividade pesqueira e a extração de madeira. Ambas nocivas à fauna, flora e aos recursos hídricos.

Ressalta-se que a prática extrativa dos grupos indígenas Kaixána e Kokáma não se qualifica como nociva ao meio ambiente visto que, ainda que haja comercialização de madeira e pescado, não se trata de exploração em grande escala, considerando a finalidade não lucrativa do empreendimento indígena.

5 - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

Atualmente, na Terra Indígena São Sebastião o movimento migratório é inexpressivo, se compararmos com a mobilização de saída que aconteceu em períodos anteriores. Ainda que se leve em conta esse pequeno fluxo migratório, e tendo em vista que nos últimos 10 anos registram-se 94 nascimentos e, aproximadamente, 8 óbitos, conclui-se que está havendo um crescimento populacional significativo na Terra Indígena São Sebastião.

Conforme a tese de Meggers (1977, *Amazônia: a ilusão de um paraíso*), o ambiente de terra firme não suportaria abrigar grandes contingentes populacionais, muito menos em um padrão de assentamento contínuo, por ser, de um modo geral, portador de um solo empobrecido de nutrientes e, em consequência disso, de uma menor quantidade de recursos naturais. De fato, conforme é possível depreender do discurso dos índios, uma das causas das correntes migratórias dos seus antepassados é o rápido esgotamento do solo, aliado à escassez, sobretudo, dos recursos faunísticos. Atualmente, a relevância da ocupação da várzea ainda é maior, haja visto o aumento populacional e levando-se em conta que têm se tornado cada vez mais acentuados os conflitos por terra na região amazônica, dificultando os deslocamentos humanos.

Vale ressaltar que, de fato, observando o calendário econômico e ecológico seguido pelos índios de São Sebastião no desenvolvimento de suas atividades produtivas, há uma alternância quanto ao grau de utilização entre as áreas de terra firme e várzea. É a conjugação desses dois ecossistemas, portanto, que tem permitido a boa engrenagem do sistema econômico desses povos.

Cabe igualmente lembrar que a organização econômica das sociedades indígenas, de um modo geral, está intimamente ligada ao seu sistema de crenças. Desta forma, há uma articulação não apenas entre o conhecimento prático sobre os ecossistemas e as formas econômicas de produção aí desenvolvidas, mas também entre os sistemas de crenças tradicionais indígenas.

Evidentemente, pelo fato de estarem implantadas, dentro dos limites da Terra Indígena São Sebastião, duas distintas igrejas – uma da Irmandade da Cruz e outra Pentecostal – há atualmente outras crenças que convivem com as mais tradicionais, muito embora não sejam encorajadas pelos dirigentes não-indígenas dessas igrejas. Atualmente, os rituais praticados pelos grupos étnicos de São Sebastião são regidos pelas Igrejas que se localizam aí. Considerados locais sagrados, atualmente, são dois os cemitérios onde se pratica a *alumição*, que consiste em acender as velas nos túmulos, seguindo o calendário das igrejas cristãs, no Dia de Finados, portanto. Esses cemitérios estão localizados na margem direita do igarapé Mocó e no lado oeste da comunidade Nova Jerusalém.

Por outro lado, atualmente, os curadores indígenas continuam tendo o poder de realizar curas através de seu conhecimento acumulado sobre ervas medicinais ou, ainda, de anular os efeitos de uma suposta feitiçaria; no entanto, a sua atuação restringe-se aos casos não resolvidos pela medicina alopática. Os índios de São Sebastião acreditam que existe uma entidade sobrenatural, conhecida como *mãe do mato* ou *curupira*, que cuida da natureza no sentido de evitar o desperdício, bem como os abusos produzidos pela ação antrópica.

Inseridos nos limites propostos para a Terra Indígena São Sebastião, situam-se as habitações e os locais sagrados de seus ocupantes, grupos Kaixána e Kokáma, bem como a possibilidade de reprodução de uma forma específica de organização econômica desenvolvida por esses grupos, informada sobretudo por uma percepção peculiar sobre a vida e o meio ambiente.

6 - LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO

Conforme relacionado no quadro a seguir, no interior dos limites propostos para a Terra Indígena São Sebastião, existem duas unidades residenciais ocupadas por não-indígenas que não possuem nenhum documento de posse e que, embora sejam casados com índias, se definiram como famílias não-indígenas, requerendo indenização de suas benfeitorias:

Quadro I: Ocupantes não-índios na T. I. São Sebastião

| Nome do ocupante | Nº da ordem | Nome do imóvel | Ano da ocupação | Superfície em ha | Nº de famílias |
|----------------------|-------------|----------------|-----------------|------------------|----------------|
| Edgar G. de Carvalho | 1 | - | 1983 | 5 | 1 |
| Naval Comélio | 2 | - | 1984 | 5 | 1 |

Há ainda a incidência de quatro títulos de domínio na área, cujas glebas correspondentes não são ocupadas pelos detentores dos mesmos. Não foi possível localizá-las nas bases cartográficas por nós utilizadas, uma vez que não foi possível conhecer as coordenadas geográficas das mesmas. Daí apresentamos dados aproximados sobre a área de inserção na Terra Indígena. Ei-las:

Quadro II: Títulos incidentes na T. I. São Sebastião

| Nome do proprietário | Nº da ordem | Nome do imóvel | Ano da ocupação | Superfície em ha | | Situação do imóvel |
|-----------------------|-------------|----------------|-----------------|------------------|---------|--------------------|
| | | | | Total | Na T.I. | |
| Sergimar M. de Araújo | 1 | Chaníssimo | 1984 | 300 | 150 | Não ocupado |
| Idem | 2 | Espelho | 1984 | 300 | 210 | Idem |
| Idem | 3 | Capitani | 1984 | 300 | 180 | Idem |
| Sérgio Francisco Neto | 4 | Cupeçu | 1989 | 1.200 | 1.200 | Idem |

E, finalmente, no interior dos limites propostos para a Terra Indígena São Sebastião, foram encontradas 6 áreas de cultivo de moradores da comunidade vizinha denominada São José, e uma pertencente a um morador da comunidade de Israel. Nenhuma chega a ultrapassar o tamanho de um hectare. Os dados concernentes a essas áreas foram oferecidos pelos índios de São Sebastião devido à recusa dos respectivos donos em conceder informações.


7 - CONCLUSÃO E DELIMITAÇÃO

Durante todas as etapas do processo de identificação de limites, a participação indígena é fundamental. No caso de São Sebastião, a proposta original dos índios foi acolhida pelo GT. Durante o processo, no entanto, as próprias lideranças sugeriram uma mudança: a de não mais incluir uma pequena porção de terra que os índios consideravam como sendo deles mas que fora invadida, recentemente, por moradores de São José do Amparo, a comunidade não-indígena vizinha. Os índios de São Sebastião afirmam que o espaço onde fica São José, hoje, era ocupada por índios Kaixána. De fato, há uma extraordinária quantidade de vestígios arqueológicos existentes em São José que indicam a existência, no passado, de um imenso cemitério indígena que se estendia em um longo trecho da margem esquerda do rio Solimões. Apesar dessa invasão ter incomodado sobremaneira a população indígena de São Sebastião, a decisão de não se incluir essa porção de terra foi pautada na consideração e no cuidado que esses índios têm em suas relações com vizinhos indígenas e não-indígenas. Entendido que a desistência deste pedaço de terra pelos índios era fundamental do ponto de vista político para eles próprios, e tendo em vista que não se tratava de uma área imprescindível nos termos da constituição, o GT acolheu a nova proposta.

Como já mencionado, a proposta final divide a Terra Indígena São Sebastião, conforme mapa e memorial descritivo a seguir, em três glebas. A gleba situada à margem esquerda do rio Solimões, onde predomina o ambiente de terra firme, atinge uma área de 46.300 ha, com perímetro de 103 km. Do lado direito do referido rio, a segunda porção de terra, com 11.000 ha e perímetro de 54 km, está inserida em uma área inundável característica do ecossistema de várzea. E, finalmente, a terceira gleba consiste em uma ilha de apenas 400 ha e perímetro de 12 km, formada há, aproximadamente, 10 anos.

Os limites propostos estão de acordo com o disposto na Constituição de 1988, cujo Artigo 231, parágrafo primeiro, dispõe que *são terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus costumes e tradições*. No extremo norte, em um setor que vai do igarapé Mocó ao igarapé Kumã, situa-se a comunidade Novo Kumã, cuja população desenvolve suas atividades de pesca, principalmente, nos igarapés Kumã, Coperçu e Mocó e nos lagos Baixo, Grande e Castanha, e suas práticas agrícolas são desempenhadas nas duas margens do igarapé Kumã, em locais próximos da comunidade propriamente dita. Atualmente, os moradores

INSTITUTO



Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte DOU

Data 17/02/2000 Pg 13

Class. CDD 000.01

de Novo Kumã, muito freqüentemente, sobem o igarapé Coperçu para visitar amigos Tikúna na Terra Indígena vizinha Uati-Paraná. Nestas ocasiões, costumam também caçar, pescar ou coletar alguns frutos silvestres. O cemitério onde foi sepultado o pai e o avô do morador Kaixána mais idoso do Novo Kumã fica na margem direita do igarapé Moco, e ainda é visitado por ele e seus familiares. A parte oeste deste setor é também uma área de preservação ambiental, tendo em vista que as nascentes do igarapé Kumã estão inclusas neste setor.

Em uma outra porção de terra situada no lado leste da gleba I, onde estão localizados os lagos Grande, Baixo e Castanha, localiza-se a comunidade do lago Baixo. Nessa porção de terra, há um castanhal onde os índios das comunidades Novo Kumã e lago Baixo praticam a coleta de castanha. Neste local, também existem vários locais lamacentos, freqüentados por certos tipos de animais por serem ricos em sais minerais, os chamados *canamãs*, constituindo-se, portanto, em pontos importantes de caça para os índios caçadores da Terra Indígena São Sebastião. Era no lago Castanha que se realizavam festas freqüentadas pelos grupos Kaixána de Mapari, Tonantins e São Sebastião, ao mesmo tempo, que foi um dos lugares explorados por seringalistas no início do século.

Situadas no lado oeste, a inclusão das cabeceiras do Coperçu - o maior e mais importante igarapé - justifica-se, sobretudo, por razões econômicas e por se constituir na via fluvial principal, que liga a margem ao interior, a qual possibilita a reprodução do elo de ligação e solidariedade que, no final das contas, une a todas as comunidades da Terra Indígena São Sebastião.

A área circunscrita entre os igarapé Kumã e Coperçu é utilizada, principalmente, pelos índios Kaixána e Kokáma, moradores das comunidades situadas na margem do rio Solimões. Outrora, esta área foi muito usada na exploração da sorva pelos próprios índios de São Sebastião mas, atualmente, utilizam-na para as atividades de pesca e caça. Quando engajados nessas atividades, os índios coletam os frutos silvestres para consumo próprio.

Ainda na gleba I, na porção de terra situada próxima à margem, localizam-se as comunidades Nova Jerusalém, Santa Fé e São Sebastião, onde existem várias áreas de cultivo, pertencentes aos moradores dessas comunidades, que ficam espalhadas por detrás das habitações. Há um varadouro que facilita o trajeto entre as comunidades da margem e o igarapé Coperçu. Na margem direita do Coperçu, uma antiga casa, hoje, é utilizada como abrigo para os caçadores e pescadores da Terra Indígena São Sebastião. Nas proximidades da margem direita do igarapé Matrinchá, tem-se uma área bastante utilizada para caça e coleta. É aí também que se retiram as madeiras usadas como lenha ou utilizadas na construção das casas e na fabricação de canoas, remos e outros produtos.

A ilha é um local onde se pratica a agricultura.

E, finalmente, na gleba II, situada na margem direita do rio Solimões, em uma área de várzea, praticam-se a caça, pesca, agricultura e coleta. Além dos inúmeros lagos utilizados para a pesca, tais como o Mucura, o Marimari e o Araçazal, outros cursos d'água utilizados são: o Paraná do Amaturá e os igarapés Grande, Açai e Estação. É, sobretudo, nesta área que, sob encomenda, retira-se madeira para venda. Pela abundância dos recursos faunísticos e florísticos aí existentes, sobretudo no período das enchentes e pela fertilidade de seu solo, as áreas de várzea exercem um papel fundamental na vida dos índios da Terra Indígena São Sebastião. Além disso, pode-se dizer que uma vez que existe uma alternância, quanto ao grau de utilização entre as áreas de terra firme e várzea, a depender do movimento de avanço e retração das águas, é a conjunção dessas áreas que tem propiciado as condições para a reprodução do modo de vida específico dos índios de São Sebastião.

KÊNIA GONÇALVES ITACARAMBY

Diretoria de Assuntos Fundiários - DAF
 Departamento de Demarcação - DED
 Memorial Descritivo de Delimitação
 Denominação

Terra Indígena SÃO SEBASTIÃO
 Aldeias Integrantes
 Nova Jerusalém, São Sebastião, Santa Fé, Novo Kumã e Comunidade do Lago Baixo
 Grupos Indígenas
 Kaixána e Kokáma
 Localização

Município: Tonantins Estado: Amazonas
 Administração Executiva Regional: Tabatinga

| Coordenadas dos Extremos | | | |
|--------------------------|-------------|----------------|------|
| Extremos | Latitude | Longitude | |
| Norte: | 02°30'00" S | 67°32'51" WGr. | |
| Leste: | 02°37'36" S | 67°28'09" WGr. | |
| Sul: | 02°53'28" S | 67°34'13" WGr. | |
| Oeste: | 02°41'12" S | 67°44'03" WGr. | |
| Base Cartográfica | | | |
| Nomenclatura | Escala | Órgão | Ano |
| SA.19-Z-A e SA.19-Z-B | 1:250.000 | RADAMBRASIL | 1977 |
| Dimensões | | | |

Superfície: 57.700 ha (cinquenta e sete mil e setecentos hectares) aproximadamente
 Perímetro: 169 Km (cento e sessenta e nove quilômetros) aproximadamente
 Descrição do Perímetro

GLEBA I: Superfície : 46.300 ha, Perímetro: 103 Km - NORTE: Partindo do ponto 01 de coordenadas geográficas aproximadas 02°31'44" S e 67°37'40" WGr., localizado na margem direita do Igarapé Moco; segue por este a jusante até encontrar o ponto 02 de coordenadas geográficas aproximadas 02°30'15" S e 67°31'01" WGr., localizado na confluência com o Igarapé Coperçu. LESTE: Do ponto antes descrito, segue pelo Igarapé Coperçu a montante até o ponto 03 de coordenadas geográficas aproximadas 02°34'44" S e 67°31'27" WGr., localizado nas confluências do Igarapé Kumã e do Furo do Lago Grande; daí, segue a montante pelo referido furo até o ponto 04 de coordenadas geográficas aproximadas 02°36'05" S e 67°29'36" WGr. localizado às margens do Lago Grande; daí, segue margeando o citado Lago até o ponto 05 de coordenadas geográficas aproximadas 02°39'03" S e 67°28'38" WGr., localizado na confluência com o Furo Maruari; daí, segue por este até o ponto 06 de coordenadas geográficas aproximadas 02°39'27" S e 67°31'02" WGr., localizado na margem esquerda do Igarapé Coperçu; daí, segue por este a montante até o ponto 07 de coordenadas geográficas aproximadas 02°42'18" S e 67°33'13" WGr., localizado na confluência do Igarapé Visagem; daí, segue por este até o ponto 08 de coordenadas geográficas aproximadas 02°43'14" S e 67°34'35" WGr., localizado na sua margem esquerda; daí, segue por uma linha reta até o ponto 09 de coordenadas geográficas aproximadas 02°43'46" S e 67°34'58" WGr., localizado na confluência do Igarapé São Joaquim com o Igarapé da Sorva; daí, segue pelo último a montante até o ponto 10 de coordenadas geográficas aproximadas 02°43'49" S e 67°35'10" WGr., localizado no cruzamento com o varadouro que vem da comunidade Nova Jerusalém e vai até o Igarapé Coperçu; daí, segue o varadouro no sentido da comunidade até o ponto 11 de coordenadas geográficas aproximadas 02°45'06" S e 67°35'24" WGr., localizado no limite da fazenda do Sr Hidelbrando; daí, segue pelo limite da fazenda até o ponto 12 de coordenadas geográficas aproximadas 02°45'20" S e 67°35'18" WGr., localizado na confluência do Igarapé São Joaquim com a margem do Rio Solimões. SUL: Do ponto antes descrito, segue a montante pela margem esquerda do Rio Solimões até o ponto 13 de coordenadas geográficas aproximadas 02°45'18" S e 67°36'07" WGr., localizado na confluência do Igarapé Santa Rita; daí, segue a montante pelo referido igarapé até o ponto 14 de coordenadas geográficas aproximadas 02°45'05" S e 67°36'08" WGr., localizado na confluência com a Grota do Buriti; daí, segue por uma linha reta até o ponto 15 de coordenadas geográficas aproximadas 02°44'45" S e 67°36'17" WGr., localizado junto a roça do Sr. Sebastião; daí, segue por uma reta até o ponto 16 de coordenadas geográficas aproximadas 02°43'53" S e 67°36'10" WGr., localizado na margem esquerda do Igarapé Santa Lúcia; daí, segue a montante deste até o ponto 17 de coordenadas geográficas aproximadas 02°43'42" S e 67°36'58" WGr., localizado na sua nascente; daí, segue uma linha reta até o ponto 18 de coordenadas geográficas aproximadas 02°42'09" S e 67°39'43" WGr.; daí, segue uma linha reta até o ponto 19 de coordenadas geográficas aproximadas 02°42'34" S e 67°41'45" WGr., localizado em um braço formador das nascentes do Igarapé Coperçu. OESTE: Do ponto antes descrito, segue por linha reta até o ponto 20

